

OS ETERNOS

A A M E A Ç A

OS ETERNOS A AMEAÇA

AMIE KAUFMAN

MEAGAN SPOONER

Tradução
Vera Lúcia Moraes



MORROBRANCO
EDITORA

Os Eternos: a ameaça

Copyright © 2025 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2019 AMIE KAUFMAN & MEAGAN SPOONER

ISBN: 978-65-6099-055-5

Translated from original Undying. Copyright © 2019 by Amie Kaufman and Meagan Spooner. ISBN 978-1-4847-5556-3. This translation is published and sold by arrangement with Adams Literary, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2025 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

K21e
1.ed. Kaufman, Amie
Os eternos : a ameaça / Amie Kaufman, Meagan Spooner ; tradução Vera Moraes. - 1.ed. -
Rio de Janeiro : Morro Branco, 2025.
320 p.; 14 x 21 cm. - (Os eternos ; 2)
ISBN 978-65-6099-055-5
1. Ficção científica inglesa. I. Spooner, Meagan. II. Moraes, Vera. III. Título. IV. Série.
05-2025/225 CDD 823.914

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura inglesa 823.914

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutus

Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Luana Maura

Tradução: Vera Lúcia Moraes

Copidesque: Bonie Santos

Revisão: Letícia Carvalho

Diagramação: Rita Motta

Ilustração: Amanda Carla


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



Nós adoramos contar histórias.

Somos muito gratas por quem as lê.

*Então, Leitor(a), este livro é
dedicado a você.*

INTRODUÇÃO

Caro Leitor, Cara Leitora,

Sabe o que adoramos em sequências? Reencontrar nossos amados personagens, explorar partes novas de um mundo já bem conhecido e descobrir como pequenos detalhes se conectam no final. Sabe o que *não* adoramos em sequências?

Tentar lembrar o que raios aconteceu na Terra (ou Gaia!) no volume 1.

Assim, decidimos ajudar você com uma recapitulação relâmpago de *Os Eternos: O legado*, uma vez que nós escrevemos esses livros por diversão e *para serem divertidos*, e passar metade de uma história confuso não tem graça nenhuma. (Além do mais, após o suspense no final do volume 1, nós achamos que devíamos isso a você.)

Se você ainda não percebeu, aqui vêm spoilers do primeiro volume...

Conhecemos nossos personagens principais na superfície de um planeta chamado Gaia, em um sistema solar distante, descoberto após receberem instruções para a construção de um portal de uma raça alienígena há muito extinta, denominada Os Eternos. A Terra está em extrema necessidade de ajuda e, depois de uma fracassada tentativa massiva de colonização,

os cientistas estão convencidos de que Os Eternos possuem a única chave para salvar o nosso planeta de nós mesmos.

Jules Addison é o filho privilegiado do professor de Oxford que decodificou primeiro a mensagem alienígena e incentivou o mundo a prestar atenção. Quando o dr. Addison mudou de ideia, após descobrir evidências de que Os Eternos poderiam não ser os inofensivos benfeitores que pareciam, todos se voltaram contra ele. Jules viajou para Gaia a fim de provar que seu pai estava certo.

Amelia Radcliffe é uma catadora que cresceu cuidando da irmã, em uma violação direta da lei do único filho. Quando sua irmã se mete em problemas com uma boate suspeita, Mia precisa arrecadar dinheiro para se libertar do contrato. Então, ela se alia a uma profissional desonesta chamada Mink e é contrabandeada para a superfície de Gaia a fim de recolher o maior número possível de peças tecnológicas valiosas.

Uma catadora e um acadêmico. É claro que acabam sendo forçados a trabalhar juntos. Apesar das diferenças significativas nas suas origens, eles aprendem a se respeitar. E conforme enfrentam uma série de armadilhas mortais, que os levam a outro portal no coração do templo gaiano, eles começam a se apaixonar.

O portal os transporta para o polo sul de Gaia, onde descobrem uma extensa nave presa no gelo. Forças militares da Aliança Internacional, uma coalizão global de governos, chegaram lá antes deles, e Jules e Mia ficam chocados: a mulher que recrutou Mia é a mesma que recrutou Jules, mentindo para ambos sobre sua identidade. A missão de Jules era apenas uma armação para levar Mink e suas forças até o prêmio no coração do labirinto: a nave dos Eternos.

Enquanto Mink força nossos heróis a ativarem a nave e a enviarem de volta à Terra, Mia e Jules buscam um meio de

pará-la com medo de que o pai de Jules estivesse certo o tempo todo e que a tecnologia dos Eternos seja realmente perigosa. Quando falham, eles permanecem a bordo durante o lançamento da nave espacial, determinados a encontrar uma maneira de impedir que ela alcance a Terra.

Uma série de picos de energia os leva correndo a tempo de descobrir um corredor cheio de portais, todos se ativando para que uma força de invasão Eterniana possa atravessar.

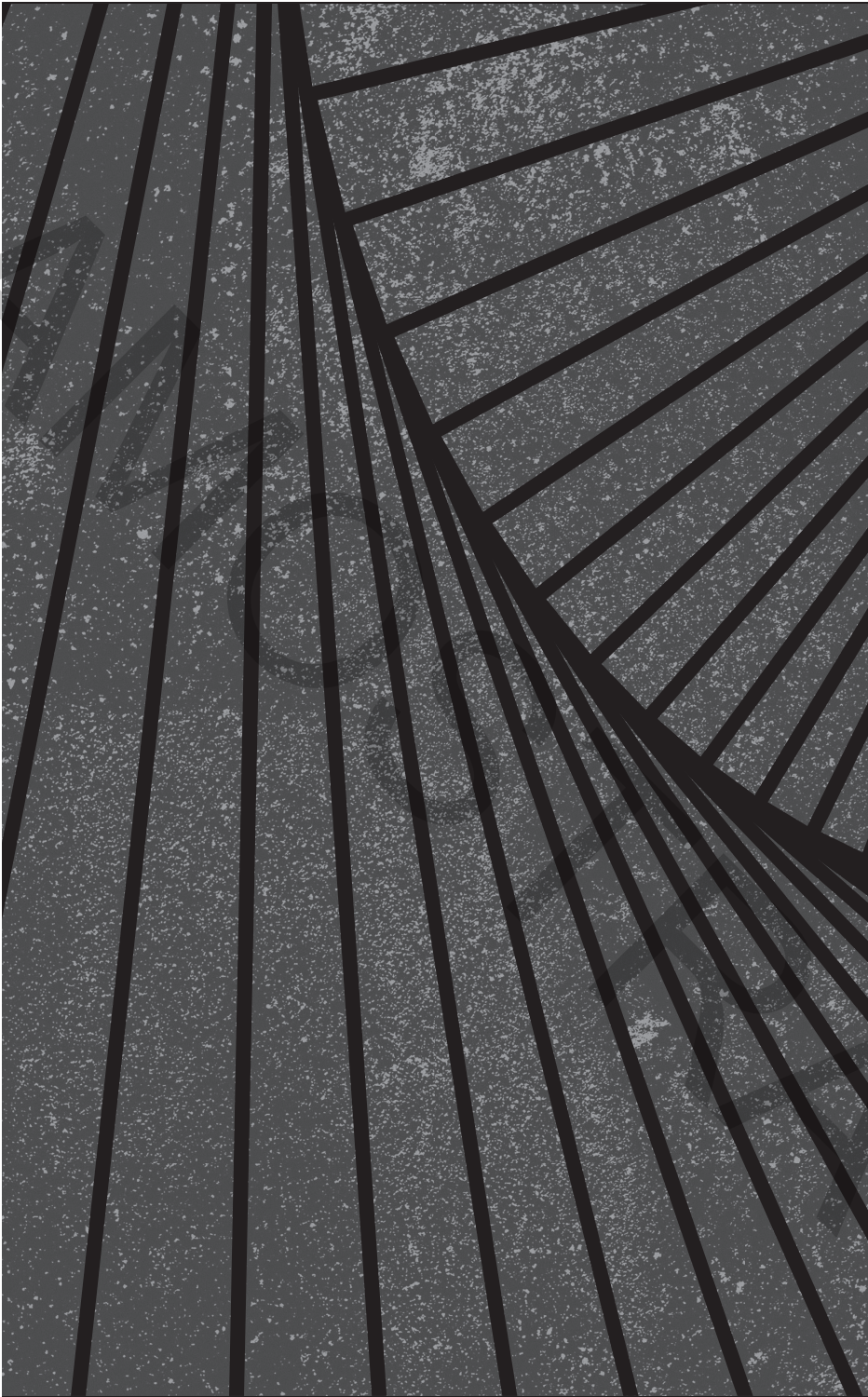
Pense em um cavalo de Troia, só que, em vez de dúzias de gregos astutos, repleto de alienígenas.

Ou será que não? Porque nas páginas finais do livro, Mia e Jules têm uma surpresa ainda pior do que a descoberta de que os Eternos não estavam extintos e se dirigindo à Terra. Eles observam quando um dos soldados tira o capacete e revela um rosto humano.

Tchan tchan tchan tchaaaaan!

Assim, sem mais delongas, levamos você a uma antiga nave espacial cristalina na órbita da Terra. Focamos um convés especial, um corredor específico e um pequeno vão escuro abaixo dele. Deixamos você lá e desejamos uma boa leitura! Esperamos que se divirta lendo este livro tanto quanto nós nos divertimos o escrevendo.





OS
ETERNOS
A AMEAÇA

AMIE KAUFMAN
MEGAN SPOONER

JULES

A ESCURIDÃO ESTÁ PRÓXIMA, SILENCIOSA E ABSOLUTA. MIA ESTÁ por perto... Posso sentir o calor do corpo dela, uma leve quentura em um lado do meu corpo. No silêncio, nossas respirações irregulares são tão ásperas quanto o alarme de uma sirene.

Então Mia quebra o silêncio denso e assustador:

— Droga! Não consigo fazer isso no escuro. Jules, liga seu relógio, pode ser?

Apesar do medo que corre por minhas veias, me pego contendo um sorriso enquanto apalpo desajeitado o meu pulso em busca do LED. Uma semana escondido em uma nave alienígena ocupada e ela é a única coisa que me faz sentir algo familiar. Seguro. Como se eu estivesse em casa.

A maioria dos nossos dispositivos não está funcionando, sem acesso ao sol para recarregar, mas minha unidade de pulso carrega de forma cinética — algo pelo qual sou cada vez mais grato todos os dias. A ideia de existir assim, em escuridão total, é aterrorizante demais para se contemplar por muito tempo.

Da tela do dispositivo sai uma luz azul suave. Mia surge na escuridão como um fantasma, o rosto emoldurado pelo cabelo preto, rosa e azul, e a pele pálida sob as sardas. Com o canivete

em mãos e um sorriso fraco para mim, ela volta ao trabalho, tentando retirar os parafusos de uma tampa de acesso para a passagem estreita em que estamos. O brilho das pedras cristalinas que revestem o eixo prega peças na minha visão, disfarçando-se como olhos cintilantes na penumbra.

Um pequeno rangido de protesto vem da dobradiça quando ela finalmente a move com sucesso. Movendo a tampa para o lado e a deixando pendurada em uma única dobradiça, Mia revela a oportunidade que estávamos buscando: uma chance de estar à frente dos Eternos, os alienígenas que atravessaram os portais desta nave há uma semana.

* * *

Na verdade, a passagem que estamos usando é uma cavidade *entre* as paredes da nave. Descobrimos esses espaços escondidos rastejando pelo sistema de ventilação para nos esconder naqueles primeiros minutos frenéticos após a decolagem, quando os Eternos surgiram pelos portais ao longo do corredor que havíamos encontrado. Nós nos esgueiramos pelos dutos apoiados em joelhos e cotovelos — ainda fazemos isso, de vez em quando — até encontrarmos as escotilhas que nos levaram para dentro das paredes.

Há portas de metal espessas em intervalos regulares ao longo do corredor, prontas para se fechar e selar qualquer seção em caso de uma rachadura no casco. As aberturas têm sistemas de fechamento impressionantes, sem dúvida projetados para se trancar automaticamente ao primeiro sinal de mudança na pressão. Como Mia comentou ao descobrir o primeiro conjunto de portas automáticas, os Eternos levam as viagens espaciais *muito a sério*. As naves que usamos para chegar a Gaia parecem brinquedos de criança em comparação.

Os Eternos não demoraram a fazer uma busca sistemática pela nave, centenas de botas pisoteando os corredores, vozes ecoando umas sobre as outras de modo que era impossível distinguir as palavras. Eles sabem que humanos lançaram a nave — afinal,

todas as armadilhas deles foram projetadas para se certificar de que o fizéssemos.

O que eles não sabiam era que ainda havia dois de nós a bordo.

Com certeza já encontraram o corpo de Hansen em um dos corredores, onde fomos obrigados a deixá-lo depois que um soldado da Aliança Internacional atirou nele. Enquanto o arrastavam para se desfazer dele, Mia ainda tinha sangue dele debaixo das unhas, de quando tentou estancar os ferimentos.

Eu me pergunto o que pensaram de Hansen. De nós, que nos matamos uns aos outros em meio a uma descoberta extraordinária como essa.

Então, Mia e eu nos escondemos primeiro nos dutos de ventilação, depois nas paredes, assim que as encontramos, e agora, depois de uma semana em fuga, conhecemos bem o nosso território. Temos até uma espécie de base. Nós a chamamos de Junção — um lugar um pouco mais amplo onde seis paredes se encontram em uma interseção em forma de estrela, no qual há espaço suficiente para nos sentarmos lado a lado. Temos vizinhos apenas de um lado — dois Eternos chamados Atlanta e Dex —, e se ficarmos absolutamente parados e eles estiverem no lugar certo, nós conseguimos ouvir a conversa, até vislumbrá-los pela abertura. Quando eles não estão no quarto, quando estão em seus turnos, conseguimos conversar baixinho sem o risco de sermos ouvidos.

Mas andamos ocupados demais em apenas sobreviver para *fazer* algo — buscar respostas, agir. Nem sequer conseguimos entender como, ou por que, eles são tão parecidos conosco, só que não são *nós*, e a semelhança não vai além da pele. Nem mesmo fomos capazes de compreender o que desejam da Terra, exceto que querem tomá-la de nós.

Seja lá o que isso signifique, nenhum de nós gostou.

Tudo de que precisamos é uma única chance de contatar a Terra. Podemos não saber por que eles estão aqui, mas se conseguirmos avisar a humanidade que a enorme nave em órbita *não* está vazia, como acreditam, há uma chance de a cavalaria chegar antes que os Eternos descubram que estamos aqui.

Claro, como Mia pontuou, é igualmente provável que a AI simplesmente exploda a nave no céu. Mas prefiro ter esperança e confiar que eles não destruirão a última chance de descobrir tecnologias que poderiam salvar a Terra de seu rápido declínio e da diminuição de seus recursos.

O painel de acesso em que Mia está trabalhando se abre dentro de um canto de uma pequena câmara ocupada normalmente por um único trabalhador Eterno, cujos movimentos começamos a rastrear há dois dias. O máximo que sabemos é que esse indolente Eterno acha necessário fazer duas pausas por hora. Todo grupo tem um preguiçoso, e estamos contando com o nosso hoje. Ouvimos bastantes conversas através da parede para saber que o uniforme dele é equipado com um dos engenhosos headsets que a maioria dos Eternos da nave usam, composto por uma peça de metal que cobre uma orelha e uma fina tira de vidro que cobre um olho.

Se esses headsets funcionam como telefones para os Eternos, então talvez — apenas *talvez* — possamos encontrar uma maneira de usar um para ligar para casa.

Sem perder um segundo dessa última pausa, descemos para a salinha onde nosso alvo trabalha, cruzando os dedos para que essa seja uma de suas ausências mais longas. Pego Mia quando ela se deixa cair depois de mim, pés primeiro. Ela descansa em meus braços por um momento, o rosto quase colado no meu, e nossos olhares se encontram. Meu coração dispara, enquanto tento me lembrar de que esta não é a hora.

Ela me beijou duas vezes desde que nos conhecemos.

A primeira vez foi para me fazer segui-la através de um portal dentro do templo. A segunda foi pouco antes de acreditarmos que iríamos morrer.

Desde então, nunca ficamos separados por mais de meia hora. Dormimos abraçados, nos esprememos juntos para espionar pelas passagens estreitas, mas nenhum de nós tomou a iniciativa de outro beijo. Eu, porque sou desajeitado demais para saber se seria bem recebido fora de uma emergência — nada como um cenário de sobrevivência com alguém que teve que educadamente recusar

você — e, ela, bem... se eu soubesse ficaria mais fácil. Talvez isso só passe pela cabeça dela quando estamos em uma situação de vida ou morte.

Por outro lado, pode-se argumentar de forma convincente que o fim está bem próximo, e que cada momento a bordo desta nave é uma emergência.

Eu me pergunto se poderia convencê-la disso.

Eu a coloco no chão, e ela não perde tempo, indo até a porta ficar de vigia, pronta para me avisar do que puder. Eu me viro para a estação de trabalho, que felizmente não se recolheu para a parede quando o operador saiu, mas então meu olhar é atraído pela janela.

Pela primeira vez desde que a deixei, consigo ver a Terra.

Posso distinguir a maior parte das formas marrom-douradas das Américas do Norte e do Sul, envoltas em finas camadas de nuvens. Em algum lugar lá embaixo está a irmãzinha de Mia, Evie, perdida na vasta extensão dos dois continentes. Algum verde ainda se agarra à protuberância do sul, mas os desertos costeiros ao norte estão lentamente avançando, aproximando-se um do outro.

Está mais para um marrom-claro do que para o vermelho-ferugem de Gaia. No curto período em que estive lá, eu me acostumei bem rápido à beleza árida do planeta alienígena. Pensei que morreria lá, nas mãos dos catadores, ou esmagado pelas armadilhas do templo quando a minha inteligência falhasse, ou simplesmente quando meu oxigênio se esgotasse. Ou ainda, naqueles últimos dias, nas mãos da AI — de Charlotte, ou Mink, ou seja lá como a nossa mestre de marionetes traidora realmente se chame.

Depois disso, pensei que morreria tentando sabotar esta nave ou quando isso falhasse e ela atravessasse o portal e se autodestruísse em um ataque à Terra. Agora estamos presos. Comparado a estar em Gaia, estamos tão perto de casa que é como se estivéssemos na porta da frente. No entanto, sem um jeito de chegar à superfície, poderíamos ainda estar tão longe quanto do outro lado da galáxia, esperando, todos os dias, sermos pegos e, provavelmente, mortos.

Mehercule, não é de surpreender que eu esteja cansado.

Meu primo Neal está lá embaixo também, na “lágrima” verde da Inglaterra, escondida na curva do globo. Talvez até meu pai esteja lá, em algum lugar no coração de Praga.

Um barulho forte e abafado quase me faz correr de volta em direção à segurança duvidosa dos dutos de ventilação. Mia, ao meu lado, recua vários passos. Ouço uma série de arranhões e um segundo tinido mais fraco, e vejo um brilho metálico passar pela janela — o som veio de fora da nave, não de dentro.

Na Junção, estamos muito no interior da nave para ouvir, mas aqui, na extremidade externa, podemos ouvir o som dos satélites da Terra colidindo com o casco da nave, se dispersando em uma nuvem de detritos que vagam para sempre no espaço ou retornando à Terra em um arco de fogo como estrelas cadentes.

Tentando recuperar a compostura, pego o headset, prendo o gancho metálico na orelha e posiciono a lente de vidro sobre meu olho direito. Ainda consigo ver a sala através do headset, mas, um instante depois, uma linha de texto branca brilhante aparece, projetada à minha frente e sobreposta à minha visão.

COMANDO/CONSULTA?

— Está funcionando? — Mia sussurra.

— Sim, está funcionando — murmuro, tentando manter a voz calma. — E, Mia... está no nosso idioma!

Ela encontra o meu olhar, estranhamente sobreposta pelo texto no headset. Os olhos dela estão arregalados, confusos, amedrontados — mas não tenho como confortá-la e não tenho nenhuma resposta para dar.

De repente, ela enrijece, seu olhar indo além de mim em direção à saída.

— Rápido, ele está voltando!

Meu coração dispara e arranco o headset da cabeça. Mas, quando vou devolvê-lo a estação de trabalho, descubro que meus dedos se recusam a obedecer.

— O que você está fazendo? — Mia sibila.

— Precisamos disso. — Estou paralisado, ainda mais agora que consigo ouvir o que Mia ouviu instantes antes: passos se

aproximando pelo corredor. — Não podemos simplesmente deixar isso aqui.

— Se roubarmos, eles vão saber que existimos.

Os dedos de Mia se fecham ao redor do meu pulso, apertando, e sob sua mão, meus dedos relaxam.

— Perfututi — balbucio e largo o dispositivo.

Estou prestes a me virar e correr de volta até a abertura na parede quando vejo o headset oscilar. Meu estômago se revira. Na pressa, deixei-o cair na beirada da estação de trabalho. Ele balança, e quando Mia e eu nos lançamos para pegá-lo, ele escorrega da quina da mesa e cai.

Os passos que se aproximam vacilam com o som de vidro se estilhaçando que ecoa da sala revestida de cristal. Então se transformam em corrida.

AMÉLIA

POR UM MOMENTO, JULES E EU TROMBAMOS NA ENTRADA DA abertura para ventilação, e demora alguns preciosos instantes até eu perceber que um estava deixando o outro passar primeiro para entrar. Desisto e o escalo como se ele fosse uma árvore, então me encolho contra a parede interna o máximo que posso para que Jules consiga se espremer e passar por mim.

Seus braços e pernas mal cabem e ele faz tanto barulho ao se mexer que, para mim, mais parece um baterista de uma banda de rock morando nas paredes, mas até agora ninguém nos notou. Eu me inclino depois dele, só com espaço suficiente para me virar e fechar a escotilha atrás da gente.

Aperto o tornozelo de Jules para avisar para ele não se mexer. Lembrando-me de não prender a respiração, observo enquanto o trabalhador para a meio caminho do painel e depois se abaixa para pegar o headset. Com coração disparado e ouvidos atentos, espero.

Aí vem um suspiro irritado e uma palavra resmungada que não conheço, mas o tom eu certamente reconheço. Um toque de dedos nos controles e uma voz: “Solicitação de reparo de tela, enviando na sua direção para reciclagem agora”.

Os pés do trabalhador voltam a se mover, mas ficamos paralisados quando uma voz chiada e metálica soa na salinha. Até agora ele só se comunicou com os outros através do headset — é a primeira vez que ouvimos o sistema de comunicação da nave sendo usado.

— Sério mesmo? — A voz soa mais irritada do que profissional. — Já é a segunda negligência sua desde que embarcamos.

— Não me enche, é só a tela! — protesta Indolente, parando a cerca de um metro da escotilha, que ainda estou segurando no lugar. Tenho um breve ataque de pânico pensando que “reciclagem” pode ser de alguma forma o local onde estamos escondidos, mas ele puxa uma espécie de compartimento tipo gaveta na parede e coloca o headset nela. — Ainda está funcionando, só, tipo, trincada.

— Aguarde para enviar, alguém está usando o transporte.

Indolente suspira e volta para o seu painel.

— Peça quebrada de uma nave enferrujada — ele resmunga.

Ainda consigo ver a gaveta se eu esticar o pescoço. A nave tem um sistema de entregas que lembra os antigos tubos a vácuo usados em bancos e correios na Terra. É assim que estamos roubando comida — se é que dá para chamar aqueles cubos de proteína branca, sem gosto e emborrachados, de *comida* —, interceptando entregas feitas a dormitórios e estações individuais.

De repente, percebo que ele vai enviar o headset por aquele caminho. Restam poucos segundos preciosos antes de ele apertar o botão que vai enviá-lo disparado para longe.

— Não se mexe — ofego, observando as botas com atenção enquanto me inclino para a frente, mantendo a escotilha apertada em uma mão.

Jules fica tenso sob meus dedos, engolindo um protesto. Aperto sua perna para acalmá-lo, sabendo bem que ele não pode me impedir sem evitar que sejamos capturados. Perdemos uma semana esperando que alguém na Terra notasse que a nave em órbita não está vazia — essa é a nossa primeira chance de agir, em vez de só ficar esperando ser resgatados. *Não* vou deixar escapar porque estou com medo.

Deslizo para fora do túnel, me abaixando e colocando um pé após o outro, com cuidado, meus olhos fixos no trabalhador Eterno o tempo todo.

Por um instante, estou a apenas alguns metros dele, olhando suas costas enquanto ele observa o painel, esperando permissão para continuar. É o mais perto que qualquer um de nós já chegou de um Eterno desde que eles apareceram. Não consigo ver seu rosto, mas pelas costas ele parece qualquer garoto terráqueo, ainda mais pelo tamborilar impaciente dos dedos no painel. A pele é de um marrom escuro intenso, e o cabelo cai pelos ombros em ondas emaranhadas que me lembram o da minha irmã, Evie. Meu corpo todo se contrai com essa ameaça alienígena antiga disfarçada de algo familiar.

É tão fácil esquecer que eles não são humanos. Como nós. Mas quando eu olho para essa coisa, só consigo pensar naqueles momentos frenéticos logo depois de os portais dos Eternos serem ativados. Jules e eu nos escondemos, aterrorizados pelas cabeças bulbosas e pelos trajes de um preto intenso, e levamos um susto enorme quando um deles tirou o capacete e revelou um rosto humano.

Depois de algumas horas os observando marchar pela nave de dentro dos dutos de ventilação, Jules murmurou:

— Eles são humanos. Podem ser diferentes, mas talvez quem sabe possamos simplesmente *falar* com eles? Descobrir como e por que eles estão aqui, explicar quem somos?

A sugestão fez todos os pelos de minha nuca se eriçarem, mas ele apertou a minha mão e me olhou com aqueles olhos castanhos doces e grandes que só ele tem, e por um momento eu estive pronta para nos tirar de nosso esconderijo e nos lançar à mercê desses seres antigos. Então, um deles escorregou em um montinho de neve derretida do local de pouso da nave em Gaia e caiu contra uma parte exposta da parede rochosa.

Ele caiu com um grito, agarrando a perna — e um jato de sangue azul brilhante se espalhou pela parede oposta.

Jules congelou, e sua mão de repente ficou gelada na minha.

Seja lá o que eles forem, *não* são humanos. Não têm nada a ver com a gente. E, se eles nos pegarem, não haverá misericórdia.

Agora, olhando para um deles parado casualmente em sua estação de trabalho, de algum modo é ainda pior do que se tivessem permanecido aquelas misteriosas cabeças bulbosas.

No entanto, minhas mãos estão firmes enquanto abrem a gaveta outra vez e retiram de lá o headset.

Estou recuando devagar para a escotilha, agarrando meu prêmio, quando o intercomunicador crepita novamente, indicando tudo limpo. Ele vai se sentar assim que enviar o comando, e eu vou estar dentro de seu campo de visão periférico. Na pressa, quase tropeço, agarrando a lateral do tubo de ventilação e me retirando para seu espaço apertado como um caranguejo eremita de volta a sua concha. Ele se vira para apertar o botão, e eu puxo a tampa da escotilha com um pequeno clangor ao mesmo tempo que soa um silvo de ar bem acima de nós.

Nenhum de nós se move por longos e torturantes momentos. Indolente relaxa de volta no assento e, com um suspiro, se inclina sobre o painel. A nave não tem nada da tecnologia avançada usada pelos Eternos em seu dia a dia de trabalho, e eles raramente parecem usar muito da tecnologia embutida que nos parece tão superior. Mas, sem o headset, Indolente trabalha como alguém forçado a trocar de volta do digital para o analógico.

Esperamos mais alguns minutos, com o corpo de Jules rígido de pânico e indignação. Então, tão silenciosamente quanto conseguimos, nos esgueiramos de volta para dentro das paredes outra vez.

* * *

— De todos os riscos tolos e impulsivos... — Jules murmura, furioso, assim que chegamos à Junção.

— Me poupe! — retruco, franzindo a testa. — Funcionou, né? — Era exatamente do que precisávamos: uma chance de estar um passo à frente desses seres alienígenas uma vez sequer, talvez até de encontrar um jeito de voltar para casa, tudo isso sem que eles jamais saibam que a gente roubou alguma coisa, porque o headset estava a caminho da reciclagem.

— Mehercule, toda vez que eu penso que compreendo quão teimosa e inconsequente você é, você ultrapassa os limites...

— Não quero morrer aqui em cima, Jules! — Ofego, tentando impedir minha voz de tremer. — E se for pra morrer, quero que seja lutando, não sendo caçados feito dois ratos encurralados.

Jules passa a mão pelo rosto, as feições brilhando de suor sob a luz azul fraca do dispositivo de pulso.

— Deixe-me ver o headset — diz ele, resignado.

O pedido é uma oferta de paz, e eu respondo com a minha própria ao entregar o headset roubado.

— Você queria mais tempo com ele pra ver se consegue fazer contato com a Terra. Não vá dizer que eu nunca te dou nada bonito.

Jules aperta os lábios enquanto inspeciona cuidadosamente o headset.

— Nunca me compre um presente de aniversário — murmura. Então seus olhos se elevam e encontram os meus, e seus lábios relaxam em um leve sorriso.

Abro um sorriso para ele e me encaixo na extremidade de nosso pequeno espaço na Junção para dar lugar ao meu lado para ele trabalhar. Meu coração ainda bate forte, e cada pequenino som — nada incomum, dentro de uma nave espacial antiga — me faz pular. A expectativa do contato é suficiente para *me* fazer desabar, mas eu me esforço para pelo menos *parecer* calma pelo bem de Jules.

Um olhar rápido na tela em seu pulso me diz que temos menos de uma hora antes que nossos vizinhos, Atlanta e Dex, terminem seus turnos e voltem para a cabine. Uma hora para conversar.

Terminada a inspeção, Jules coloca o aparelho, o que faz com que ele volte à vida.

— A tela está trincada — informa Jules, o olho que consigo enxergar distante e o outro fixo na tela. — Mas ainda consigo ver uma boa parte.

Triunfante, remexo nas sombras embaixo do cano que leva água pela nave. Meus dedos encontram as sobras do café da manhã, um bloco de cubos esponjosos do tamanho da minha palma.

Eu o parto e dou uma mordida, deixando o restante de lado para Jules. Ele é maior do que eu, come mais, e quando entra num de seus surtos acadêmicos de estudo intenso, sempre sai faminto. E toda vez ele se surpreende ao perceber como está com fome.

— O que está dizendo? — pergunto, ciente de que ele vai acabar esquecendo que estou aqui no meio de sua exploração intelectual.

Jules nega com a cabeça.

— É... difícil dizer. Parece que está interagindo com as minhas ondas cerebrais de alguma forma, lendo a minha mente... Cada pensamento distraído que tenho, ele tenta seguir.

— Talvez seja por isso que está no nosso idioma, não em glifos. — Eu me inclino para o lado, mas teria de colar meu rosto no do Jules para ver alguma coisa, então desisto. — Ele lê seus pensamentos e traduz na língua que você fala com mais facilidade.

— É... talvez. — A voz de Jules soa perturbada, mas é claro que ele não tem uma explicação melhor. — Não consigo fazer com que me mostre algo sobre comunicação, exceto com outros headsets. Nada sobre transmissão para um planeta próximo.

— E um mapa da nave? — sugiro, mastigando, tentando esconder o desapontamento na voz. Temos tempo, Jules ainda pode descobrir como enviar um sinal para a Terra pelo headset para nos buscarem. *E, sabe, parar os Eternos, mas talvez resgatar a gente primeiro.*

— Um mapa da nave não nos dirá exatamente o que eles estão fazendo aqui e o que querem com a Terra.

— Mas pode nos mostrar se há um centro de comunicações que a gente poderia usar para falar com a Terra. Ou, pelo menos, como ficar escondidos por mais tempo.

Embora eu saiba que ele quer voltar para casa tanto quanto eu — e ele saiba que encontrar uma maneira de enviar uma mensagem é fundamental para isso —, ele continua se agarrando ao seu velho instinto de pesquisa, sempre se perguntando qual é o plano dos Eternos, tentando entendê-los, como o acadêmico que é.

O que eu preciso que ele lembre é que não *importa* o que os Eternos querem aqui, porque mesmo que soubéssemos, não

poderíamos fazer nada a respeito a não ser que conseguíssemos enviar uma mensagem para casa.

Jules suspira.

—Vou tentar encontrar um mapa.

Então ele se concentra. E eu o deixo com a sua pesquisa, me recostando na parede, ignorando a já familiar dor que a superfície angulada causa nos meus ombros. Estou usando o dispositivo de pulso dele e, à sua luz, observo os objetos espalhados pelo nosso esconderijo.

Para qualquer outra pessoa, nossos suprimentos pareceriam pateticamente escassos. Um copo raso improvisado a partir de um pedaço de malha impermeável de um dos macacões descartados deles, esticado sobre uma moldura feita com papel-alumínio amassado dos blocos de comida, capta a água que goteja de um dos furos que fizemos no cano. O resto do tecido da roupa usamos como manta. Meu canivete é a única ferramenta que temos para cortar, colher e fabricar o que precisamos.

Não é muito, quando você pensa que esses pedaços de sucata são as únicas armas que temos para nos defender de um exército claramente hostil. Mas cada um deles representa uma vitória, algum risco ou jogada para conquistá-lo. E tivemos poucas dessas preciosidades.

A menos que você considere estar vivo — e sem ser detectado — até agora uma vitória.

Caramba, eu considero.

Nossa única vantagem é que os Eternos não sabem que estamos a bordo da nave. Eles não são descuidados, mas também não colocaram guardas em cada corredor como poderiam ter feito se suspeitassem de algo errado. Ainda assim, a nave fica mais movimentada a cada dia, com Eternos chegando pelos portais a todo momento.

Os portais são um mistério para nós — sabemos que eles levam de um lugar para outro, que os Eternos podem escolher as localizações, e que podem construí-los do tamanho de uma nave espacial ou de uma porta comum... mas não sabemos como eles fazem essas coisas. Por duas vezes, tentamos nos esgueirar para

dentro daquele corredor cheio de portais para ver se havia um jeito de usá-los para ir para casa, mas nas duas vezes, o lugar estava um caos de atividade. Não tem como chegar lá sem ser visto.

O corpo de Jules está quente contra o meu. O ar na nave fica vários graus abaixo de uma temperatura ambiente confortável, mas isso não parece incomodar os Eternos. O frio, junto com o espaço apertado da Junção, nos mantém bem próximos. Mas, por mais que eu quisesse esticar as pernas, abrir os braços o máximo possível e respirar fundo, sou grata pelo espaço apertado.

Porque não tenho certeza se teria coragem de me aconchegar em Jules se o local fosse maior.

Ele está tão entretido em aprender como usar o headset que posso observá-lo abertamente. Ele está um caos, as roupas estão manchadas de suor e encardidas, com um cheiro marcante que eu queria poder chamar de “masculino” em vez de “nojento pra caramba”, mas, bom, eu estou tão desleixada e suja quanto ele. Não tem como tomar banho quando se é passageiro clandestino.

Jules parece cansado, e aquele músculo se contraindo na mandíbula indica que ele está segurando muita tensão. Eu me pergunto se ele me notaria se eu o tocasse — digo, se o tocasse mais. Ele mal olhou para mim nos últimos dias.

E é assim mesmo que deveria ser. Provavelmente vamos morrer — já aceitamos isso, cada um à sua maneira, eu acho. Mas se houver uma chance de enviar um sinal para a Terra, precisamos tentar, devemos isso às nossas famílias. Eu devo isso a Evie. Mesmo que ela continue presa ao clube onde trabalha para o resto da vida, isso tem de ser melhor do que o que esses alienígenas teriam reservado para ela. Seja lá o que for que os Eternos estão planejando, o fato de terem feito tanto esforço para enganar toda a humanidade sugere que não será nenhuma festa para as pessoas que amamos.

Com esse peso nos ombros, a última coisa que qualquer um de nós deveria estar pensando é...

Um estrondo nos faz pular, e meu coração vai parar na garganta. Vozes vindas da parede atrás de mim indicam de onde vem o som, e quando outro estrondo reverbera pela pedra, reconheço o

bater da porta corrediça da sala do outro lado da ventilação aos nossos pés.

Desajeitada pela pressa, escondo a luz azul do dispositivo de pulso contra a minha perna até poder desligá-lo, e Jules desliza uma tira de borracha da minha bota para colocá-la sobre o vazamento do cano. Não sabemos quanto eles conseguem ouvir do outro lado, mas a última coisa de que precisamos é uma equipe de manutenção passando por aqui à procura de um vazamento.

O headset faz um barulho metálico quando Jules o coloca de lado. Vejo o brilho dos olhos dele na escuridão, procurando os meus, e sei por que ele está agitado. Desde o primeiro momento em que chegaram, os Eternos têm operado com uma precisão de relógio. Nenhuma vez sequer alguém perdeu um turno ou chegou atrasado.

Hoje, Atlanta e Dex chegaram mais cedo.

JULIES

— AH, FALA SÉRIO, PESSEGUINHO, NÃO ME ENCHE! — QUEM fala é Dex, enquanto dois pares de passos entram no dormitório da tripulação do outro lado da parede.

— Que lixo é esse de *pesseguinho*? — A pergunta vem de Atlanta, claramente nada impressionada.

Mia e eu trocamos um olhar silencioso, então lentamente nos apoiamos de lado para poder olhar direto pelo duto de ventilação; estamos invisíveis no escuro, mas, se acertarmos o ângulo, conseguimos ver a maior parte do quartinho arrumado com dois beliches e um armário pequeno.

— Pêssegos são comida — explica Dex, removendo a parte superior do traje e revelando uma camiseta branca, dando um vislumbre de uma tatuagem ao amarrar as mangas ao redor da cintura. Ele não *parece* mais velho do que nós, nem Atlanta. Eles parecem adolescentes... mas tudo o que consigo ver quando olho para eles é aquele jorro de sangue azul, e, até onde sei, ele pode ter séculos de idade.

Olho para Mia de relance novamente, e pelo vinco em sua testa, sei que ela reparou na tatuagem também. Uma coisa é esses alienígenas fazerem algo em si mesmos — uma cirurgia, uma